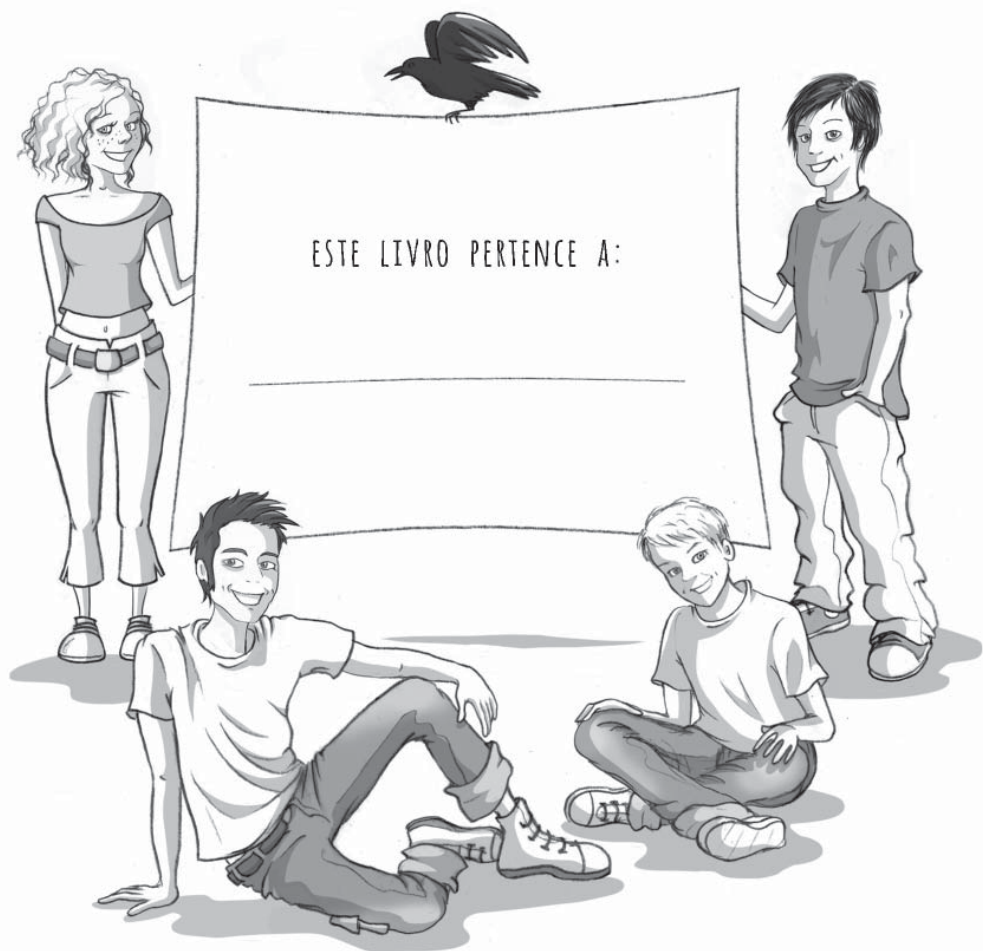


OS   
AVENTUREIROS

# O MISTÉRIO DA ARRÁBIDA

ISABEL RICARDO

ILUSTRAÇÃO DE CAPA: TIAGO DA SILVA  
ILUSTRAÇÕES DE INTERIORES: ISABEL ALVES



ESTE LIVRO PERTENCE A:

## OS AVENTUREIROS ESTÃO DE VOLTA!

Vem conhecer OS AVENTUREIROS: Bia, João, Daniel, Cris e Tó Jú.

A coleção que transporta os leitores para aventuras excitantes em lugares fantásticos. E, para além de cativar os jovens para a leitura, ainda ajuda à divulgação do património português.

Com narrativas repletas de ação, humor e mistério, estimula a imaginação, e esse é um dos motivos por que os professores a recomendam, principalmente para os 5º, 6º e 7º anos. Cativando diferentes idades, OS AVENTUREIROS já apaixonaram milhares de leitores desde 1999, que se tornaram fãs incondicionais e transmitem essa paixão às novas gerações.

Junta-te aos AVENTUREIROS e mergulha nestas aventuras empolgantes.

Mas, cuidado: não vais conseguir parar de ler!

Para saberes mais sobre estes jovens destemidos, consulta a página da autora: [www.isabelricardo.com](http://www.isabelricardo.com) e visita a página de Facebook:

[www.facebook.com/SerieOsAventureiros](https://www.facebook.com/SerieOsAventureiros)

E-mail para leitores: [aventureiros@isabelricardo.com](mailto:aventureiros@isabelricardo.com)

E-mail para professores: [encontroscomaautora@isabelricardo.com](mailto:encontroscomaautora@isabelricardo.com)





## PREFÁCIO

Queridos leitores, este é o décimo livro da coleção OS AVENTUREIROS. Embora pertença a uma série, tem um sentido completo em si. Continua-se nele as aventuras de Tó Jú, Bia, Cris, Daniel e, claro, o *João*, que é um corvo muito falador e trapalhão com quem vocês simpatizam muito.

Percorri os mesmos sítios que os nossos amigos AVENTUREIROS e desafio-vos a virem visitar Sesimbra, o Portinho da Arrábida e o Convento da Arrábida. Tenho a certeza de que se irão apaixonar por todos esses locais, tal como me aconteceu a mim.

Adorei a experiência de entrar na *Gruta dos Morcegos* e apaixonei-me por eles. São uns bichinhos muito simpáticos e úteis na natureza, pois chegam a comer diariamente mais de metade do seu próprio peso em insetos, comendo, entre maio e outubro, cerca de 60 mil insetos. O *Miniopterus schreibersii*, vulgarmente conhecido como *morcego-de-pelucho*, pesa cerca de 15g.

Estive com quatro mil a seis mil morcegos e foi uma experiência bem especial que jamais esqueerei.

O local onde decorre este livro foi-me proposto pelo senhor Carlos Leonel Pereira Santos, meu amigo e o primeiro editor a acreditar em mim e no projeto dos AVENTUREIROS. Há uns anos, pediu-me para escrever um livro destes nossos amigos passado na zona da Arrábida e aqui está ele, como um presente muito especial, pela amizade que sempre me dedicou.

OS AVENTUREIROS E O MISTÉRIO DA ARRÁBIDA tem imensa aventura, ação e situações de perigo.

Espero que se divirtam muito a lê-lo.

Um grande abraço da vossa amiga

Isabel Ricardo



Às novas escolas por onde andei no final do ano passado, o meu especial carinho pela forma entusiástica e calorosa como fui recebida:

Externato Cinderela, Reboleira, E.B.2,3 do Castelo, Sesimbra, E.B.I. Rainha D. Leonor de Lencastre, S. Marcos, E.B.2,3, de Vialonga, E.B.2,3 Nun'Álvares, Arrentela. E.B.1 de Bonito e E.B.1 António Gedeão, Entroncamento, E.B. Fernando Lopes Graça e E.B. Santo António, Parede, E.B.1 de Miratejo, E.B.1 José Afonso e E.B.1 D. Nuno Álvares Pereira, Seixal.

Aos Agrupamentos de Escolas de Avis, de Montargil e João de Barros, Corroios.

Às Bibliotecas Municipais de Avis, Caldas da Rainha e Setúbal, o meu agradecimento pelos simpáticos convites com que me brindaram.





## CAPÍTULO I

João *diverte-se...*

— **M**as afinal em que aventura é que vocês se meteram desta vez? Contem lá! Desembuchem! Despejem o saco! O que é que vos aconteceu mesmo durante a nossa ausência? — pediu um homem alto e forte, de aspeto simpático, olhando para um grupo de três rapazes e uma rapariga que se encontrava diante dele, muito sorridente. Um corvo de penas tão negras e luzidias que chegavam a ter reflexos azuis estava poisado no ombro da rapariga.

Uma senhora de cabelo escuro e farto sorriu.

— Sim, contem lá a vossa aventura.

Os jovens não se fizeram rogados e começaram a contar tudo, entusiasmados. José e Ondina iam ficando cada vez mais espantados.

Os quatro tinham ficado na *Quintinha*, em casa de José e Ondina, amigos da irmã da mãe de Tó Jú e Daniel, para poderem andar a visitar Sesimbra. Esta, além de ter uma praia excecional, possuía atributos muito invulgares, quase impossíveis de encontrar num só lugar, desde grutas terrestres a outras cujo acesso só se podia fazer por mar, um castelo lindíssimo, fortalezas, pegadas de dinossauros... Enfim, uma verdadeira maravilha. Os jovens tinham ficado fã daquela vila encantadora e acabaram por viver lá uma aventura extremamente emocionante e excitante, e logo nos primeiros dias das férias de verão.

Mal tinham chegado a Sesimbra, haviam-se deparado com dois patifes que procuravam um objeto muito valioso, roubado há cerca de cem anos. Fora trazido para Sesimbra



por um marinheiro cujo barco naufragara por lá, acabando por fazer um mapa do paradeiro do tesouro perdido. E é claro que o mapa fora descoberto pelos nossos amigos. *João* dera uma ajuda preciosa.<sup>1</sup>

— Safa! Vocês não são p'ra brincadeiras!

«Safa! Vocês não são p'ra brincadeiras!», fez o corvo. O seu olhar vivo e esperto estava fixo em José, parecendo esperar a sua reação, que não tardou. José soltou umas sonoras gargalhadas ao ouvir a sua própria voz imitada pelo travesso corvo.

Todos se riram e o malandro do corvo ainda se riu mais alto do que eles, imitando o riso do pai de Bia e Cris, que dava gargalhadas muito sonoras e contagiantes.

— Isto só visto mesmo!

«Isto só visto mesmo!»

Cris abanou a cabeça, com ar desaprovador.

— És mesmo exibicionista, *João*! Não tens emenda!

«Não tens emenda! Vai-te matar! Vai-te encher de moscas! Ora vejam só! Isto só visto mesmo! Palerma!»

Toda a gente desatou a rir e até Cris foi obrigado a render-se aos disparates do corvo da irmã. Este conseguia imitar todos os sons que ouvia e reproduzia as vozes humanas com uma perfeição que deixava as pessoas assombradas, principalmente as que não o conheciam. Já pregara muitos sustos e surpresas aos bandidos com que os nossos amigos se deparavam constantemente quando se metiam naquelas aventuras surpreendentes de porem os cabelos em pé.

José até tinha lágrimas nos olhos de tanto rir e Ondina estava muito vermelha.

Daniel sorriu, divertido, e fez uma festa na cabeça do corvo.

— Ó meu, tu 'tás cada vez pior!...

---

<sup>1</sup> N.º 9 da coleção: *Os Aventureiros e o Mapa Secreto*. (Nota da Autora)

«Ó meu, tu ‘tás cada vez pior!... Tu ‘tás cada vez pior!...»

José desatou a rir a bandeiras despregadas, para satisfação do corvo que o presenteou com uma série de espirros violentos, fazendo-os estremecer a todos. Terminou com um grande arrote e Cris carregou o sobrolho, pois detestava que ele imitasse aquele som. Atirou-lhe com uma almofada, mas o corvo, matreiro, levantou voo na precisa altura, poisando no ombro da dona e puxando-lhe um tufo de cabelos. É claro que a almofada foi acertar precisamente na cara de Tó Jú, deixando-o meio abanado.

Bia sorriu e coçou a cabeça de *João*, toda deleitada.

— Seu grande maroto! Tonto! Bem sabes que isso não se faz!

O irmão abanava a cabeça desaprovador, mas estava demasiado satisfeito com os últimos acontecimentos para ficar zangado durante muito tempo. Cris era um rapaz calmo que não gostava nada de se ver constantemente metido nas aventuras mais mirabolantes, como os outros. Tinha 14 anos, olhos azuis e cabelo louro muito claro.

— Que dirá a minha amiga Isabel quando souber o que aconteceu? Pensava que aqui vocês estariam em segurança e que não lhes aconteceria nada... — observou Ondina, um pouco apreensiva.

Eles entreolharam-se, divertidos.

— Ah, a madrinha não vai dizer nada. Já devia estar à espera que isto acontecesse — observou Daniel, com um sorriso traquina. Daniel era o mais novo de todos, o que o aborrecia profundamente, e era muito endiabrado, o primeiro a meter-se nas situações mais perigosas.

— Os vossos pais é que não vão gostar nada! — comentou José, fazendo uma careta.

— Sim, mas nós não tivemos culpa, não é? — perguntou Bia, na defensiva. Era uma rapariga de 13 anos, sardas no

nariz arrebitado, muito bonita e simpática, de cabelos castanhos-dourados ondulados e uns belos olhos esverdeados.

— Nós sabemos disso, mas eles não. Já por várias vezes nos ameaçaram que nos proibiam de nos juntarmos nas férias — lembrou Tó Jú, com ar pensativo. Era o mais velho de todos e o mais calmo, quase a completar quinze anos, muito simpático, sempre com apetite e muito bem-disposto. Parecia que nada lhe conseguia tirar a boa disposição. Era um rapaz em quem se podia confiar.

— Má onda, meu... — disse Daniel, um pouco macambúzio.

«Má onda, meu... Má onda, meu... Ora bem! Isto só visto mesmo! Má onda, meu...», fez *João*, abanando-se para um lado e para o outro, ao som de uma música imaginária, parecendo deliciado com a nova frase.

José olhou-o, divertido.

— Ora vejam. O *João* arranjou outra frase nova. Parece que simpatizou com ela.

— Mas é verdade. Os nossos pais não vão gostar nada do que aconteceu — observou Tó Jú, um pouco apreensivo.

— Não os condeno. Era o que eu faria se os meus filhos andassem sempre metidos em aventuras perigosas com bandidos mais perigosos ainda — confessou Ondina, pensativa.

José sorriu perante o ar desolado dos jovens.

— Concordo contigo, Ondina, mas põe-te no lugar deles e lembra-te de quando tinhas a mesma idade...

Ondina sorriu.

— Sim. Eu teria adorado ter vivido uma aventura emocionante destas que só se leem nos livros de aventuras.

Por instantes ficaram em silêncio, logo interrompido por um espirro monumental do travesso corvo, fazendo-os sorrir.

— E então, o que é que vocês vão fazer agora? Calculo que sejam recambiados para casa... — disse José, com uma careta.

Os primos entreolharam-se com os olhos muito brilhantes.

— Aí é que está a verdadeira maravilha, José. O Paulo, para evitar que nos mandassem para casa e assim acabarmos com as férias estragadas, convidou-nos para ficarmos com ele uns dias no Portinho da Arrábida. Na companhia de um adulto nada nos irá acontecer, não é?

Os quatro amigos tinham conhecido Paulo Fragoso nas férias do Carnaval, em Bragança, e vivido juntos uma aventura emocionante. Nas férias da Páscoa tinham-lhe pedido ajuda ao depararem com uma perigosa quadrilha de falsificadores de notas de euros falsas, voltando a compartilhar momentos empolgantes. E, claro, tinham estado há pouco tempo com ele aquando daquela última aventura em Sesimbra. É que Paulo, além de ser locutor da R.F.M., era também um agente secreto, tal como o pai de Bia e Cris, que, invariavelmente, andava a investigar uns casos muito importantes.

«O Paulo? O Paulo? Onde é que está o Paulo? O Paulo? O Paulo? Onde é que está o Paulo? O Paulo? O Paulo?»

Os jovens fizeram uma careta e os adultos sorriram. *João* aprendera aquela frase há pouco tempo e agora, de cada vez que ouvia a palavra «Paulo», automaticamente despoletava aquelas frases todas. Embora ao início lhe achassem piada, já começavam a ficar fartos.

— Ah, o Portinho da Arrábida é um lugar lindo. Vocês vão adorar, tenho a certeza!

Eles olharam-se, entusiasmados.

— Foi o que o Paulo nos disse.

Imediatamente *João* voltou ao ataque, fazendo-os tapar os ouvidos.

«O Paulo? O Paulo? Onde é que está o Paulo? O Paulo? O Paulo? Onde é que está o Paulo? O Paulo? O Paulo?»

Cris deitou-lhe um olhar aborrecido.

— Seu maçador impertinente!

João pôs a cabeça de lado e soltou uma risadinha trocista.

«Disparates, seu palerma! Vai-te encher de moscas! Vai-te matar! Ora vejam! Palerma!»

Cris carregou o sobrolho e os outros riram-se à socapa, principalmente quando viram o corvo voar para cima de um armário e de lá começar a imitar arrotos, seguidos de um «perdão!» muito tímido, sempre sem desviar os olhos do rapaz. O travesso corvo bem sabia que ele detestava ouvi-lo fazer aquilo, por isso é que fugira logo para bem longe. Não que ele não era nada parvo...

— Também nos vai mostrar Setúbal e Palmela. Estou doidinha para ver o *Castelo de Palmela*. Disseram-nos que é espetacular! Eu adoro castelos! — exclamou Bia, com os olhos a brilhar de entusiasmo.

Os rapazes deitaram-lhe um olhar, trocistas.

— Já todos nós sabemos disso, rapariga — disse Tó Jú, com um ar muito cómico.

Bia deitou-lhe a língua de fora.

— Mas o José e a Ondina não sabem.

José e Ondina sorriram.

— Toda a zona da Arrábida é muito bonita. Vocês vão gostar muito.

— Já gostamos!

— Mas então e os vossos pais vão deixar-vos com o Paulo? — inquiriu Ondina, admirada. — Pensava que vos mandassem para casa logo que soubessem da vossa aventura...

Eles trocaram um olhar um pouco duvidoso.

— Bem... ainda não sabemos se nos deixam ou não. O Paulo ia falar com o pai da Bia e do Cris, o tio Miguel.

— Tenho a certeza de que nos deixarão. O Miguel é muito fixe! É como o Paulo — observou Daniel, piscando o olho.



«O Paulo? O Paulo? Onde é que está o Paulo? O Paulo? O Paulo? Onde é que está o Paulo? O Paulo? O Paulo?»

José deu uma gargalhada.

— Tenho pena dos tipos que se meteram convosco. Não deviam estar nada a contar depararem-se com um

grupinho tão decidido e aventureiro, para não falar desse corvo destrambelhado...

O grupo riu-se, divertido.

— Estragaram-lhes o arranjinho todo. Se não fossem vocês, a esta hora tinham fugido com essa cruz valiosa e deviam ficar com uma quantidade boa de dinheiro da venda dela. Deve valer uma verdadeira fortuna! Vocês foram mesmo uns desmancha-prazeres...

— Sim. Deviam ter visto o aspeto deplorável em que ia um que ficou a cargo do Daniel... — disse Tó Jú, com um sorriso ao lembrar-se.

Ondina e José ficaram a olhar para eles, espantados.

Cris revirou os olhos para o teto.

— Foi tontice nossa. Nunca o devíamos ter deixado sozinho com o Daniel. Nós bem sabemos que ele não é de confiança...

Toda a gente se riu. Os adultos fitavam-nos, curiosos.

— Mas contem lá o que o Daniel fez ao tal bandido!

O rapaz mostrou uma careta muito cómica.

— Bem... os tipos deixaram lá o adesivo castanho com que nos amarraram, os camelos!, e quando nós nos conseguimos libertar, eu lembrei-me de lhe tapar a boca para não gritar e chamar pelo amigo. Depois tive a ideia de lhe pôr o adesivo no bigode, para lho arrancarem quando ele tirasse o adesivo... — informou, rindo com um ar muito traquina.

Eles arregalaram os olhos, surpreendidos.

— Sim, e para completar pus também nas sobrancelhas e no cabelo...

Bia soltou uma gargalhada divertida.

— O homem estava com um aspeto completamente doído. Haviam de o ter visto! Parecia ter um capacete enfiado na cabeça. Dava uma vontade de rir...

— Quando lhe tirarem aquele adesivo todo da cabeça, às tantas fica careca... — observou Tó Jú, rindo.

— Decerto vão ter de lhe rapar o cabelo, senão o homem deita tudo abaixo com os gritos!...

Os adultos contorciam-se com o riso, imitados por *João*. José fitava-os com admiração, sorrindo.

— Chego a ter pena do tipo. Nem sabia com quem se metia.

— É bem feito! Quem o manda ser parvo? — disse Daniel, fazendo uma festa na cabeça do corvo.

«Ó meu, tu ‘tás cada vez pior!...»

Toda a gente se riu novamente. O malandro do corvo parecia perceber perfeitamente quando deveria imitar determinadas frases, mesmo a propósito. Daniel e Bia estavam até convencidos de que ele tinha inteligência para tal.

José levantou-se com dificuldade, agarrado à barriga.

— Há anos que não me ria assim tanto... Até me doem os músculos da barriga. Bem, agora vou ter que voltar para o meu trabalho e resolver o assunto do computador.

Tó Jú olhou-o admirado.

— Mas então ainda não conseguiu descobrir o que é que ele tem?

— Não era M.C.D.C.<sup>2</sup>? — inquiriu Bia, com um risinho.

José soltou uma gargalhada.

— Não. Desta vez não. Desconfio que desta vez seja Q.C.L.D..

— Há? Q.C.L.D.?

— Que é isso? — perguntou Bia, curiosa.

José olhou para eles com o ar mais sério do mundo.

— Q.C.L.D., “*qualquer coisa lá dentro*”.

Os quatro ficaram parados durante uns momentos a olhar para ele e depois desataram a rir.

— O José é um ponto!

---

<sup>2</sup> M.C.D.C.: “*Mau contacto do caraças*”. *Os Aventureiros e o Mapa Secreto*. (N. da A.)



— Q.C.L.D., “*qualquer coisa lá dentro*”... Gostei dessa.

Os adultos saíram da sala, ainda a sorrir, e eles entreolharam-se. Estavam ansiosos por saberem novidades de Paulo.

— Acham que o Paulo nos telefonará ainda hoje? — perguntou Bia, com ansiedade, fazendo logo uma careta.

«O Paulo? O Paulo? Onde é que está o Paulo? O Paulo? O Paulo? Onde é que está o Paulo? O Paulo? O Paulo?», fez *João*, baloiçando-se para a esquerda e para a direita, parecendo muito satisfeito consigo próprio.

Cris franziu o sobrolho, aborrecido.

— Está calado, *João*! Não sejas maçador!

«Está calado, *João*! Não sejas maçador! Ó meu, tu ‘tás cada vez pior!...» e *João* terminou com uma série de espirros descomunais, provocando-lhes gargalhadas.

— Enquanto esse pestinha não aprender uma nova frase, não vai largar esta, vão ver! Temos de ter cuidado para não pronunciarmos o nome do Paulo — avisou Cris, estalando a língua, contrariado por ter pronunciado a palavra que não queria e provocando o riso dos outros.

«O Paulo? O Paulo? Onde é que está o Paulo? O Paulo? O Paulo?»

— Já não te posso ouvir mais, meu! — exclamou Cris, franzindo o sobrolho.

«Disparates! Ó meu, tu ‘tás cada vez pior!»



## CAPÍTULO II

*Uma bela surpresa!*

— **M**eninos, o Paulo Fragoso ao telefone! — gritou Ondina, à janela da cozinha, a limpar as mãos a um pano da loiça.

Os jovens, que se encontravam a passear no jardim, correram para casa, atropelando-se uns aos outros para serem o primeiro a chegar ao telefone. Valeu tudo menos arrancar olhos... Foi Daniel quem lá chegou primeiro e pegou no auscultador, ofegante. *João* poisou imediatamente na sua cabeça, pronto para fazer as habituais tropelias.

— Sim...?

«Sim...?», repetiu *João* e Daniel abanou a mão à sua frente, impaciente, como se estivesse a afugentar uma mosca impertinente.

— Olá, Daniel! Tenho boas notícias! — disse uma voz bem conhecida deles.

«Ó meu, tu 'tás cada vez pior!...»

— Há?

Os quatro contiveram o riso ao perceberem o espanto do outro lado do fio.

«Ó meu, tu 'tás cada vez pior!... Não há explicação! O Paulo? O Paulo? Onde é que está o Paulo? O Paulo? O Paulo?»

— Meu *ganda* maluco! Ó meu rapaz, sai do telefone e deixa-me falar com o Daniel, anda. Sê um tipo fixe.

«Ó meu, tu 'tás cada vez pior!... Vai-te encher de moscas! Isto só visto!», fez *João*, parecendo sinceramente ofendido e terminando com um espirro estrondoso, fazendo-os saltar de susto.

Daniel quase deixara cair o telefone no chão, alarmado.

— Fora daqui, meu patife! Deixaste-me surdo! Que ideia é essa de me gritares ao ouvido?

*João* voou para cima do candeeiro, indignado por ter sido enxotado como uma galinha maçadora.

— Safa! Esse malandro pregou-me um susto de todo o tamanho. Até estou a ouvir zumbidos no ouvido — queixou-se Paulo, a rir. — Mas como eu estava a dizer, antes de ser rudemente interrompido...

— Diga, Paulo! — gritou Bia, pendurada no primo.

— Falei com o Miguel e ele conseguiu que as vossas mães concordassem deixá-los ficar por cá mais alguns dias, mas com uma condição...

Eles trocaram um olhar apreensivo.

— Condição...?

— Sim. Desde que estivessem sempre acompanhados por um adulto. Neste caso, eu próprio.

Os quatro primos desataram aos saltos, entusiasmados.

— Mas isso é ótimo, Paulo! Era o que nós desejávamos!

— Mas é mesmo para andarmos sempre juntos! Não vos deixarei pisar o pé em ramo verde.

— Fixe! Nós não nos importamos nada!

— Nós estávamos com receio que nos mandassem para casa já amanhã... — comentou Tó Jú, satisfeito. — Se o Paulo não se importar de andar com cinco gralhas, uma delas que vale por uma dúzia, por nós tudo bem.

Paulo soltou uma gargalhada.

— Bem, se vocês ficarem demasiado barulhentos, já sei o que tenho a fazer. Imito o que o Daniel fez com o bandido e tapo-lhes a boca com adesivo...

Eles riram-se e o corvo naquele momento desatou a imitar uma ambulância, fixando Cris com a cabeça de lado. Não se sabe porquê, mas de todos era a quem o corvo gostava

mais de arrelhar e pregar partidas e ele sabia bem que o rapaz não gostava nada que imitasse aquele som.

— Calado, seu palerma!

«Má onda, meu... Não tens emenda! Vai-te matar! Vai-te encher de moscas! Ora vejam só! Isto só visto! Palerma!»

Ouviram-se gargalhadas ruidosas do outro lado do fio.

— Safa! O *João* está mesmo furioso. Se eu fosse ao Cris, não me aproximava dele tão cedo... Bom, o Miguel disse que ainda viria um dia ter connosco, se lhe fosse possível. Ah, falei também com o Francisco Rasteiro que se ofereceu para vos ir mostrar as pegadas dos dinossauros.

